

GT 1: Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação

**CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E INTERDISCIPLINARIDADE NO CONTEXTO
BRASILEIRO: UM ESTUDO QUALIQUANTITATIVO COM FOCO NO ENANCIB**

Comunicação Oral

Anderson Fabian Ferreira Higino - CEFET-MG

Lígia Maria Moreira Dumont – UFMG

afhigino@gmail.com

Resumo: A pesquisa investiga construções teóricas sobre interdisciplinaridade no contexto brasileiro da Ciência da Informação, focalizando o ENANCIB no período 2003-2008. O referencial teórico reflete a abordagem do tema no debate acadêmico internacional e brasileiro. Inserido no paradigma socioconstrutivista, o desenho metodológico prevê uma abordagem qualiquantitativa do *corpus* empírico: 1) mapeamento quantitativo da intensidade das discussões em 293 artigos, com base nas frequências de ocorrência dos termos “interdisciplinaridade” e variantes; 2) análise interpretativa dos conteúdos argumentativos específicos em um núcleo empírico de 19 comunicações orais da área temática de História e Epistemologia. São reveladas inconsistências, fragilidades e tensões, além de articulações entre discurso teórico e ação político-institucional. A discussão do significado desses achados para o ENANCIB e para o contexto científico brasileiro da área evidencia a necessidade de ampliar e aprofundar o debate. As categorias “interdisciplinaridade *lato sensu*” e “interdisciplinaridade *stricto sensu*” e o “princípio da presunção de interdisciplinaridade” são propostos como base de uma síntese crítica das dificuldades, das potencialidades e dos desafios percebidos. Para fomentar o desenvolvimento das teorizações sobre o tema, sugere-se aprimorar o papel de indução, avaliação e monitoramento dos fóruns institucionais da área.

Palavras-chave: Ciência da Informação, epistemologia, interdisciplinaridade

Abstract: This research investigates theoretical constructions related to interdisciplinarity in Information Science which were developed in the Brazilian context, focusing on the *Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação* (ENANCIB) from 2003 to 2008. The theoretical framework draws on theorizations about interdisciplinarity from scholarly debate in general, reflecting both international and Brazilian contexts. The methodological design is rooted in social constructivist paradigm and involves a qualiquantitative approach to the research subject: 1) a mapping of the discussion intensity in 293 articles, based on the frequency distributions of the terms ‘interdisciplinarity’ and their variations; 2) an interpretive analysis of argumentative contents within an empirical nucleus constituted by 19 oral presentations from the History and Epistemology subject area. The analysis reveals inconsistencies, fragilities and tensions, besides articulations between theoretical discourse and political-institutional action. Discussions on the meaning of these findings to both ENANCIB and Brazilian scientific context of the area evidence the need to enhance and deepen the debate on the subject. They also lead to the proposition of the categories ‘*lato sensu* interdisciplinarity’ and ‘*stricto sensu* interdisciplinarity’, as well as the ‘principle of interdisciplinarity presumption’, which compose a critical synthesis of difficulties, challenges and potentialities pointed out by the present investigation. To foster the development of theorizations on the research subject, one suggests improving the inducing, assessing and monitoring roles played by institutional forums.

Keywords: Information Science, epistemology, interdisciplinarity

1 O delineamento da pesquisa

Este artigo é oriundo de uma pesquisa de doutorado recentemente concluída, que analisou as construções teóricas sobre interdisciplinaridade e transdisciplinaridade na Ciência da Informação brasileira, com base no período 2003-2008 do ENANCIB. Aqui, restringimo-nos a uma parte dos resultados referentes à primeira dessas modalidades.

Indo além de um discurso cuja reiteração frequente gera naturalização e reducionismo, tomamos como problema analisar uma amostra do debate sobre interdisciplinaridade representativa do campo no Brasil. Tivemos em vista conhecer o conteúdo desse debate e avaliar sua consistência teórico-metodológica, possibilitando averiguar se a argumentação nele produzida sustenta a afirmação da interdisciplinaridade como categoria epistemológica.

A investigação orientou-se pelos seguintes objetivos: produzir uma caracterização quantitativa global das menções diretas à interdisciplinaridade presentes nos artigos estudados; analisar o teor e a consistência das formulações teórico-discursivas sobre o tema registradas nos artigos com maiores frequências de ocorrência de termos referentes à interdisciplinaridade; discutir possibilidades e limites do debate epistemológico do tema em curso no campo brasileiro da Ciência da Informação, a partir de uma reflexão interpretativa sobre os principais aspectos evidenciados por essa abordagem qualiquantitativa.

Nossa pesquisa buscou um entendimento mais profundo das contradições entre potencialidades e fragilidades presentes, de modo explícito ou latente, nos caminhos pelos quais se constroem conhecimentos sobre o tema focalizado no campo da Ciência da Informação. Essa meta demanda atenção tanto às condições político-institucionais, vigentes e em produção, quanto às ações individuais e coletivas voltadas à composição e à recomposição dos cenários percebidos. Tais aspectos podem constituir complexos jogos de sim e não, entrechoques de permissões e interdições cujos resultados o atual momento e o horizonte futuro desse campo científico chamam a compreender melhor.

Esperamos que o trabalho possa contribuir para ampliar a compreensão crítico-reflexiva dos desenvolvimentos teórico-epistemológicos em curso, no tocante ao tema, e para formar uma visão mais precisa das perspectivas e dos obstáculos relacionados às diversas formas de participação envolvidas nessa construção.

2 Interdisciplinaridade: alguns apontamentos

Os limites da especialização disciplinar foram sendo evidenciados no século 20, com o desafio de complementaridade imposto por novos objetos de estudo. A interdisciplinaridade, como movimento, ganhou ímpeto na Europa dos anos 1960, a partir de esforços isolados para

superar a fragmentação no campo educacional, em oposição ao capitalismo epistemológico de certas ciências, à alienação da academia e à excessiva especialização (FAZENDA, 1994).

Enquanto Bursztyn (2005) destaca a atualidade do debate sobre a interdisciplinaridade no âmbito das recentes discussões internacionais referentes à reforma da universidade, Pombo (2004b) alerta quanto ao risco de desgaste, banalização e esvaziamento de sentido da palavra, frente a usos mais ou menos “selvagens”, sem uma tematização do conceito e seus possíveis significados e sem uma definição operacional. Se a palavra persiste, apesar de tudo, é por ser mensageira de uma necessidade de reflexão e ação quanto às insuficiências do programa analítico da ciência moderna. Mas segue sendo uma palavra em busca de uma teoria.

Japiassu (1976) repercutiu com pioneirismo, em nosso meio acadêmico, os primeiros debates europeus, produzindo a primeira obra brasileira significativa sobre a temática. Nessa referência ainda obrigatória, o autor sintetiza as principais questões epistemológicas abordadas à época, aponta as diferenciações conceituais mais importantes e propõe critérios para o balizamento de ações e teorizações.

Pombo (2004b, 2005) articula os elementos comuns subjacentes à indeterminação conceitual e as indicações semânticas das palavras em uso, compondo um *continuum* e um *crescendum*: *multidisciplinaridade* significa justaposição, indicando pôr em conjunto ou estabelecer alguma coordenação, numa perspectiva de mero paralelismo de pontos de vista; *interdisciplinaridade* significa combinação, pressupondo complementaridade, convergência de pontos de vista, reorganização de processos e um trabalho continuado de cooperação; *transdisciplinaridade* significa fusão, unificação, numa perspectiva holística que pode até mesmo não ser desejável, em alguns casos (POMBO, 2004 a, b). Esse arranjo conduz “do paralelismo *pluridisciplinar* ao perspectivismo e convergência *interdisciplinar* e, desta, ao holismo e unificação *transdisciplinar*” (POMBO, 2004 a, p. 5).

A autora aponta práticas típicas da interdisciplinaridade — importação, cruzamento, convergência, descentração e comprometimento — e destaca que a articulação conceitual com os três sentidos do termo disciplina implica significações ligadas aos fenômenos cognitivos, às configurações escolares e às relações de saber/poder (aspecto normativo). Trata-se, assim, de uma questão presente tanto no contexto epistemológico quanto no pedagógico, referindo-se, assim, à construção e à transmissão do conhecimento (POMBO, 2004 a,b).

Japiassu (1976) discute o conceito a partir da terminologia de Heinz Heckhausen, autor de uma das mais reputadas abordagens do tema. Reduz a complexa nomenclatura original a duas modalidades: a) *interdisciplinaridade linear ou cruzada*: apenas uma pluridisciplinaridade mais elaborada, com permutas de informação que assumem caráter auxiliar, sem apresentar reciprocidade ou cooperação metodológica; b) *interdisciplinaridade estrutural*: uma interação dialógica equilibrada, sem supremacias e marcada pela

reciprocidade e pelo enriquecimento mútuo, uma fecundação recíproca, pela comunhão de axiomas, conceitos e métodos, numa combinação que pode resultar em uma nova disciplina.

Japiassu (1976) considera a interdisciplinaridade uma exigência interna das ciências humanas, mas deixa claro que ela não se cumpre automaticamente. Sua realização demanda entendimento teórico e ação prática guiados pela noção de que o *grau próprio* de relação que a caracteriza envolve integração e reciprocidade. Apenas nesse contexto é possível associar incorporações e empréstimos ao estatuto interdisciplinar. É a inter-ação que proporciona o mútuo enriquecimento propiciado pela modalidade. Ademais, o autor destaca que exige um esforço consistente o trânsito entre os níveis do projeto que a caracteriza: a *démarche pluridisciplinar* e a *pesquisa interdisciplinar propriamente dita*.

Pioneira nesse tema no domínio pedagógico brasileiro, a educadora Ivani Fazenda (1994, 2007/1991) aponta a interdisciplinaridade como uma construção epistemológico-biográfica, que exige atenção à própria história acadêmica e esforço de investigação teórico-prática de quem se dispõe a construí-la. Recomenda especial cuidado com a possibilidade de apropriação ideológica e o consequente risco de esvaziamento das práticas, convertidas, então, num alienante jogo de integração. O alerta vai ao encontro da observação de Pombo (2004b), no terreno epistemológico, sobre o risco de mera adesão a modismos.

Fazenda (2007/1991) também aponta obstáculos no aspecto epistemológico e institucional. Considerando que “a interdisciplinaridade torna-se possível quando se respeita a verdade e a relatividade de cada disciplina”, pondera que “a eliminação das barreiras entre as disciplinas exigiria a quebra da rigidez das estruturas institucionais que, de certa forma, reforçam o capitalismo epistemológico das diferentes ciências” (p. 33).

Klein (1990) destaca a ambivalência dos “empréstimos” teórico-metodológicos entre disciplinas: são um frutífero mecanismo de estruturação, complementação, simplificação e ampliação, mas implicam riscos de distorção, descontextualização, excesso de confiança, ilusão de certeza e indiferença a contradições. Heckhausen (2006/1972) vê a frequente sobreposição de domínios materiais de disciplinas vizinhas como fonte de expectativas de cooperação, ou mesmo fusão, e causa da fama da “interdisciplinaridade”. E faz um alerta incontornável: em disciplinas pouco maduras, com grau de integração teórica ainda modesto, “há uma carência, talvez cruel, de interdisciplinaridade, e a interdisciplinaridade (entenda-se o que se entender por este termo) parece ser ainda mais prematura” (p. 82).

3 Em busca do equilíbrio qualiquantitativo

Nossa abordagem metodológica fundamenta-se no construtivismo social, com sua forte influência da fenomenologia e do relativismo. Vem da fenomenologia a ênfase dada à intencionalidade dos atos humanos e à percepção de mundo dos sujeitos na construção das

teorias. Para propiciar uma compreensão do fenômeno social, elas devem lidar com a emergência, no processo investigativo, de indícios referentes às múltiplas realidades percebidas pelos atores. Daí a preferência pela geração contextual da teoria, em vez da adoção de teorias geradas *a priori*. Do relativismo, vem a negação do critério da objetividade — pressupor uma única perspectiva verdadeira do fenômeno —, substituído pela imparcialidade: o pesquisador procura contemplar de modo justo, equilibrado e não-excludente os indícios vindos das múltiplas perspectivas de realidade em manifestação. Em outros termos, trabalha-se com uma ontologia relativista, uma epistemologia subjetivista e uma metodologia hermenêutico-dialética.

O ENANCIB foi eleito fonte do material empírico devido à sua representatividade e à articulação com o contexto nacional da pesquisa e da pós-graduação. Os artigos apresentados no evento foram objeto de um estudo marcado pelo equilíbrio qualiquantitativo que o paradigma socioconstrutivista preconiza. Em termos quantitativos, passaram por uma classificação individual e por análises coletivas, baseadas nas frequências dos termos ligados ao tema — “interdisciplinaridade” e variantes. Desse ponto de vista, as edições de V a IX, realizadas no período 2003-2008, mostram-se especialmente promissoras, pelo fato de os artigos apresentarem de 5 a 10 vezes mais ocorrências de termos INTER do que o IV ENANCIB, ocorrido em 2000.

Partindo de um universo empírico de 689 artigos, chegamos a um *corpus* empírico de 293 itens com ocorrências INTER. Esses itens foram agrupados em três faixas de frequência: 1-5, 6-10 e 10+ (mais de 10) ocorrências de termos INTER. Com base nelas, foi feita uma caracterização quantitativa global das cinco edições estudadas. O detalhamento subsequente da análise exigiu o reagrupamento dos GTs do ENANCIB em *áreas temáticas*, conforme o QUADRO 1, para contornar irregularidades nos nomes e na periodicidade de funcionamento.

A análise quantitativa por edição e por área temática possibilitou identificar as comunicações com mais intensa abordagem do tema. Dentre elas, foi constituído um núcleo empírico, com as 19 comunicações orais da faixa INTER 10+ da área de História e Epistemologia, que apresentaram maior consistência na predominância quantitativa.

Quadro 1 - Reagrupamento em áreas temáticas dos grupos de trabalho do ENANCIB (2003-2008)

	Área temática	2003	2005	2006	2007	2008
1	História e Epistemologia	GT8	GT1	GT1	GT1	GT1
2	Organização e Representação	GT2	GT2	GT2	GT2	GT2
3	Mediação, Circulação e Uso	GT4	GT3	GT3	GT3	GT3
4	Gestão	—	GT4	GT4	GT4	GT4
5	Política e Economia	—	GT5	GT5	GT5	GT5
6	Informação e Trabalho	GT6	GT6	GT6	GT6	GT6

7	Diagnóstico, Mapeamento e Avaliação	—	GT7	GT7	—	—
8	Tecnologia	GT1	—	—	—	GT8
9	Produção e Comunicação	GT5	—	—	GT7	GT7
10	Novas Tecnologias/Redes de Informação/Educação à Distância	GT3	—	—	—	—
11	Planejamento e Gestão de Sistemas	GT7	—	—	—	—

As comunicações do núcleo empírico foram reunidas em subgrupos, com base em relações entre autores e conteúdos, e submetidas a uma análise qualitativa, de cunho interpretativo, focalizando conteúdos argumentativos referentes à interdisciplinaridade.¹

Os resultados dessa dupla abordagem são apresentados nas duas seções seguintes.

4 Análise quantitativa: um tema exposto em números

A TAB. 1 possibilita avaliar globalmente a presença da interdisciplinaridade nas cinco edições estudadas do ENANCIB. Entre 38,5% e 47,7% dos artigos apresentam ocorrências de termos INTER, com uma média geral de 42,5%. Constata-se que o tema é mencionado em um número bastante elevado de artigos, montando a 293 deles.

Tabela 1 - Artigos com termos INTER nas edições estudadas do ENANCIB (2003-2008)

Parâmetro	2003	2005	2006	2007	2008	Geral
Total de artigos no evento	139	122	107	170	151	689
Artigos com termos INTER	56	47	46	81	63	293
Percentual com ocorrências (%)	40,3	38,5	43,0	47,7	41,7	42,5

Entretanto, um detalhamento da presença do tema sugere haver uma grande variação na intensidade de sua abordagem. O GRAF. 1 registra como os 293 artigos distribuem-se, nas 5 edições do evento, nas três faixas de frequência estabelecidas: 1-5, 6-10 e 10+ ocorrências. Constata-se uma forte concentração na faixa 1-5, englobando 238 artigos, ou 81,2% do total. Apenas 27 artigos (9,2%) encontram-se na faixa 6-10 e outros 28 (9,56%), na faixa 10+.

¹ A terminologia usada no artigo apresenta adaptações em relação àquela utilizada na tese.

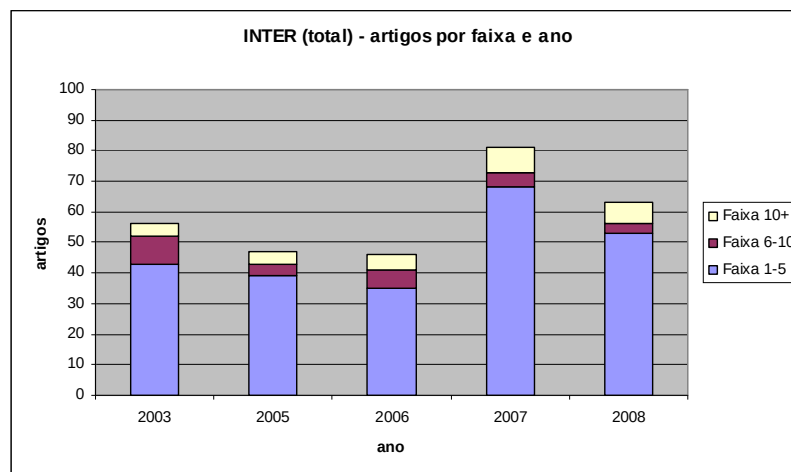


Gráfico 1 – totais de artigos com ocorrências de termos INTER por faixa de frequência e por edição

Um detalhamento adicional faz ver que, mesmo sendo em pequena quantidade, os artigos da faixa INTER 10+ concentram a maior parte das ocorrências. O GRAF. 2 reapresenta o número de *ocorrências* em cada faixa, por edição. Das 1.651 ocorrências totais, 1.008 concentram-se nos artigos da faixa INTER 10+ (61,1%), 207 encontram-se na faixa INTER 6-10 (12,5%) e 436 estão na faixa INTER 1-5 (26,4%).

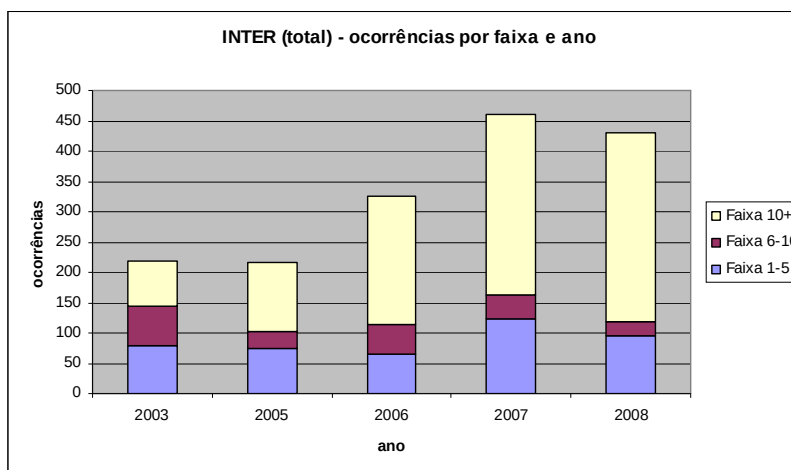


Gráfico 2 – totais de ocorrências de termos INTER por faixa de frequência e por edição

Tais resultados indicam que um panorama significativo das discussões mais intensas sobre interdisciplinaridade pode ser obtido a partir da atenção aos artigos da faixa 10+. Uma avaliação das médias de ocorrências por artigo nessa faixa revela, inclusive, uma tendência de intensificação da abordagem do tema ao longo das edições estudadas do ENANCIB. O GRAF. 3 registra esses dados, ao lado dos das outras faixas.

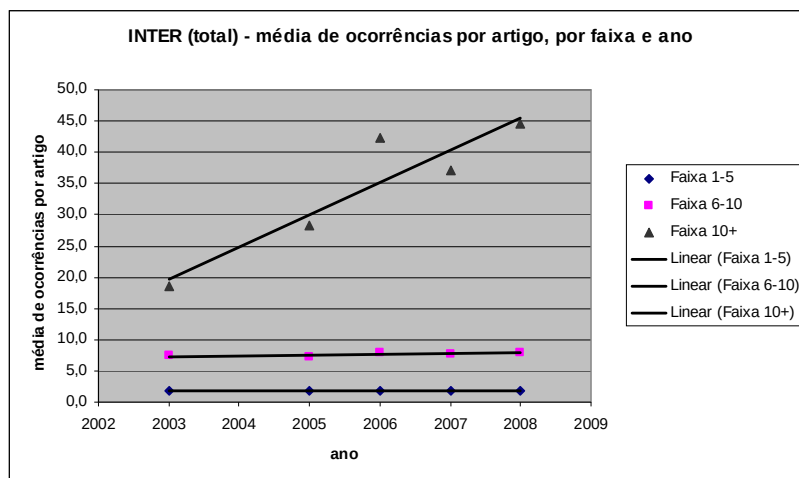


Gráfico 3 – média global de ocorrências de termos INTER por artigo, edição e faixa de frequência

A faixa 1-5 apresenta médias de ocorrências por artigo entre 1,8 e 1,9 (valor médio: 1,84) e a faixa 6-10, médias entre 7,3 e 8,0 (valor médio: 7,70). De um lado, cabe ponderar que são faixas “limitadas”, das quais o processo classificatório em si já exclui valores que vão além de seus tetos (1-5, 6-10). De outro lado, as médias estão próximas apenas do terço inferior e do ponto médio dessas faixas, respectivamente. Isso reforça a visão de que a presença do tema interdisciplinaridade nesses artigos consiste mais num “ruído de fundo” do que numa discussão que tenda a extrapolar limites.

Já a faixa 10+, a despeito de seu caráter “livre” (sem teto), exhibe médias de ocorrências por artigo entre 18,5 e 44,6 (valor médio: 34,18). São valores que vão desde quase o dobro do piso da faixa até mais de quatro vezes essa referência. Além disso, a nítida tendência crescente constatada no período 2003-2008 significa um *crescendo* na intensidade da abordagem do tema que suscita, para a análise qualitativa, a questão complementar de se ocorre ou não uma intensificação correspondente na consistência da abordagem, tal como seria de esperar num ambiente de debate teórico profícuo.

Estabelecida a faixa INTER 10+ como foco de atenção, passamos a uma análise quantitativa por área temática, que complementa a abordagem temporal cronológica, contribuindo para uma identificação precisa do *locus* das discussões mais intensas, respeitando também as especificidades temáticas do ENANCIB.

O GRAF. 4 representa a distribuição de artigos por faixa de frequência nas diversas áreas temáticas — cf. QUADRO 1. Verifica-se que apenas as áreas 1, 2, 3, 4, 7 e 9 exibem artigos na faixa INTER 10+: respectivamente, 19 e 4 artigos nas áreas 1 e 2; 2 artigos na área 9 e apenas 1 artigo em cada uma das três demais — áreas 3, 4 e 7.

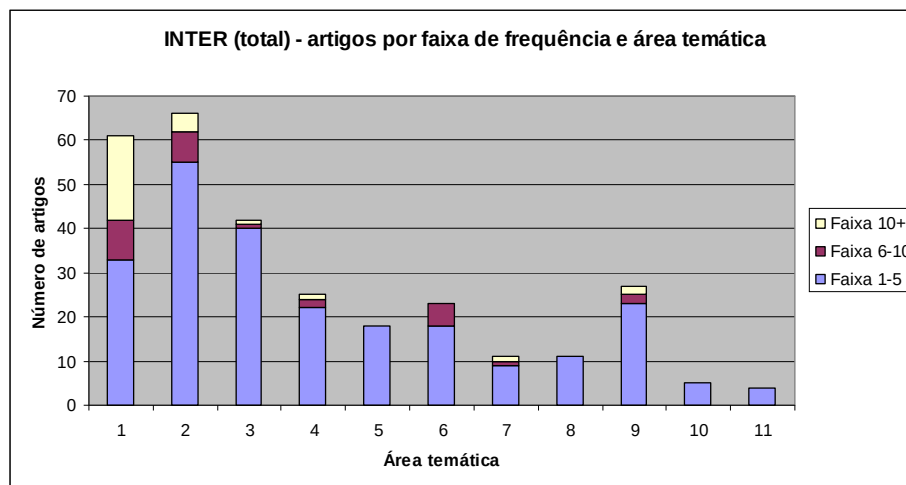


Gráfico 4 – distribuição dos artigos com ocorrências INTER (total) por faixa de frequência e por área temática

A preponderância das áreas 1 (História e Epistemologia) e 2 (Organização e Representação) na abordagem da interdisciplinaridade é confirmada ainda pelo cômputo das *ocorrências* nas diversas áreas, conforme representado no GRAF. 5.

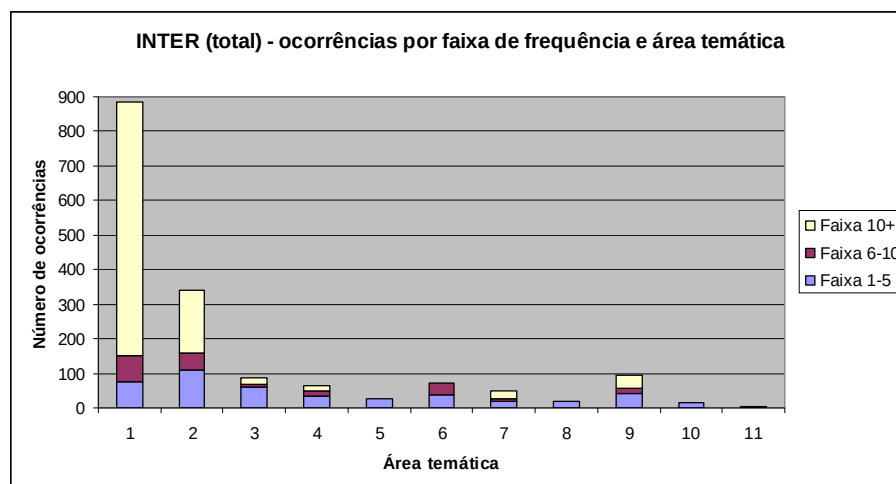


Gráfico 5 – distribuição das ocorrências INTER (total) por faixa de frequência e por área temática

Das 1.008 ocorrências da faixa INTER 10+, as áreas 1 e 2 exibem 733 (72,7%) e 183 (18,2%), respectivamente, enquanto as quatro demais exibem apenas entre 14 e 38 ocorrências. A área 2 supera a 1 apenas na média de ocorrências por artigo da faixa 10+: 45,8 *versus* 38,6, conforme representado no GRAF. 6. Entretanto, a média da área 2 é fortemente influenciada por um de seus quatro artigos, ostentando 117 ocorrências. Esse valor não é apenas mais alto do que os dos três outros artigos — 12, 26, 28 —, mas a maior frequência INTER verificada em todo o período estudado do ENANCIB.

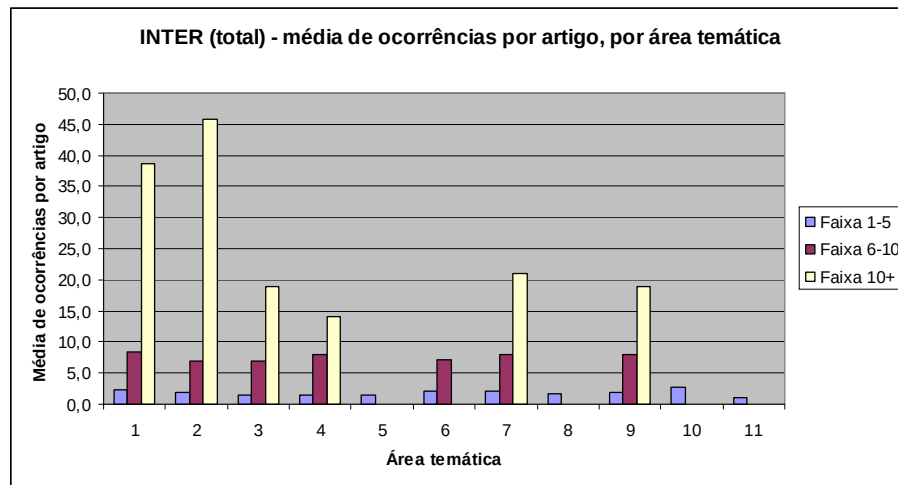


Gráfico 6 – média global de ocorrências INTER (total) por artigo, por faixa de frequência e área temática

Assim, para produzir uma visão mais abrangente do debate do tema, é mais adequado trabalhar com as 19 comunicações da área 1 — História e Epistemologia. Além de mais bem distribuídas ao longo do período estudado, 10 delas apresentam frequências acima de 30 ocorrências, 3 das quais estão no intervalo de 40 a 70, três outras, entre 70 e 100. Portanto, é nesse grupo que se espera ocorrerem, com maior consistência, as discussões relativamente mais intensas sobre interdisciplinaridade. Em vista disso, tal grupo foi eleito o *núcleo empírico* para a análise qualitativa subsequente.

5 Análise qualitativa: conteúdo e interpretação

O complexo panorama exibido pelo núcleo empírico foi abordado por meio de sua divisão em quatro subgrupos, com base em relações entre os conteúdos e os autores. Por limitações de espaço, apresentamos, a seguir, apenas um brevíssimo condensado dos principais resultados referentes à interdisciplinaridade, num esforço de síntese de um capítulo que ocupa quase 140 páginas da tese.²

5.1 Formulações teórico-metodológicas afirmatórias da interdisciplinaridade

As comunicações deste subgrupo (QUADRO 2) admitem, com maior ou menor ênfase, a existência de relações interdisciplinares envolvendo a Ciência da Informação.

Ao apontar convergências promissoras com a Linguística, por meio das metáforas, tanto Orrico e Oliveira quanto Orrico mencionam, com um tom afirmatório moderado, a interdisciplinaridade. Porém, esta assume, na argumentação das autoras, um sentido amplo, indiferenciado da categoria multidisciplinar. Nesse sentido, constata-se uma observância vaga

² O(a) leitor(a) é convidado(a) a conhecer o teor completo do detalhado trabalho de análise interpretativa registrado no capítulo 6 da tese (HIGINO, 2011). Esta se encontra disponível, em versão integral, na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da UFMG (www.bibliotecadigital.ufmg.br).

e ambivalente de critérios epistemológicos propostos por autores citados nos artigos, tais como Hilton Japiassu.

Quadro 2 - Formulações teórico-metodológicas afirmatórias

Ano	Título — Autoria/Vínculo institucional	I
2005	As metáforas da identidade nas redes do conhecimento em tempo de comunicação globalizada Evelyn Goyannes Dill Orrico, Carmen Irene Correia de Oliveira (UNIRIO)	24
2006	As metáforas na interdisciplinaridade: uma proposta possível? Evelyn Goyannes Dill Orrico (UNIRIO)	19
2006	Movimentos interdisciplinares e rede conceitual na Ciência da Informação Lena Vania Ribeiro Pinheiro (IBICT)	95
2007	Cenário da pós-graduação em Ciência da Informação no Brasil, influências e tendências Lena Vania Ribeiro Pinheiro (MCT/IBICT)	15

Obs.: nos quadros desta seção, a última coluna (I) apresenta a frequência INTER das comunicações orais.

Já Pinheiro faz a mais intensa afirmação da interdisciplinaridade — e talvez a mais inconsistente — de todo o núcleo empírico. Dentre outros aspectos, constata-se graves inconsistências no diálogo teórico com autores centrais, tais como Japiassu (1976), Machlup e Mansfield (1983), Wersig (1993) e Klein (1996), um destaque pouco equilibrado do IBICT no cenário dos PPGCI e um paralelismo artificial com a pesquisa de Zins — autor israelense — referente à elaboração de um mapa teórico da área.

5.2 Panoramas teórico-empíricos problematizadores da interdisciplinaridade

As comunicações deste subgrupo (QUADRO 3) problematizam aspectos da teorização e das visões sobre interdisciplinaridade na Ciência da Informação brasileira.

Silva analisa os conceitos de pesquisa e interdisciplinaridade usados na área, com o uso de critérios que o levam a atribuir um caráter não-científico a essas entidades. O esforço de crítica realizado pelo autor mostra-se bastante valioso — notadamente, em vista dos resultados expostos há pouco —, ainda que a argumentação apresente alguns traços de inconsistência.

Quadro 3 - Panoramas teórico-empíricos problematizadores

Ano	Título — Autoria/Vínculo institucional	I
2005	Faces da pesquisa e da interdisciplinaridade em Ciência da Informação no Brasil Renato José da Silva (PUC-CAMP, UFMT)	55
2007	Diversidade na visão dos docentes da Ciência da Informação sobre sua área Carlos Alberto Ávila Araújo (PPGCI/UFMG)	35
2008	Dimensões teórico-metodológicas da Ciência da Informação: dos desafios à consolidação epistemológica Edivanio Duarte de Souza (PPGCI/UFMG)	34

Araújo apresenta um levantamento de percepções sobre a interdisciplinaridade, realizado no âmbito das escolas de Ciência da Informação da UFMG e demais instituições brasileiras. O autor relaciona o espectro de opiniões que a pesquisa revela, indo da afirmação

convicta ao questionamento moderado, a um pluralismo explicativo que ele considera possuir potencialidades e fragilidades.

Conquanto valorize os esforços de superação (inter/trans)disciplinar, Souza tece uma crítica à ingenuidade teórica que pode prevalecer na discussão do tema e defende uma postura de vigilância epistemológica, atenta à necessidade de garantir a produção de excedentes teóricos nas experiências de interação disciplinar. Trata-se também de uma crítica importante, mesmo com seus traços de inconsistência argumentativa.

5.3 Discussões sobre interdisciplinaridade a partir de áreas profissionais

Neste subgrupo, representantes de três áreas profissionais — Arquivologia, Comunicação e Museologia — manifestam posições bastante distintas sobre o tema.

5.3.1 Autores relacionados à área de Arquivologia

As três comunicações ligadas à Arquivologia (QUADRO 4) são fruto de uma pesquisa de Rodrigues (orientadora) e Marques.

Quadro 4 - Autores relacionados à área de Arquivologia

Ano	Título — Autoria/Vínculo institucional	I
2005	Questões sobre o locus acadêmico-institucional da Arquivologia na Ciência da Informação Georgete Medleg Rodrigues, Angélica Alves da Cunha Marques (UnB)	13
2006	Fronteiras institucionais e de identidade entre a Arquivística e a Ciência da Informação Georgete Medleg Rodrigues, Angélica Alves da Cunha Marques (UnB)	41
2007	A constituição do campo científico da Arquivística e suas relações com a Ciência da Informação Angélica Alves da Cunha Marques, Georgete Medleg Rodrigues (PPGCI/UnB)	33

As autoras veem a área em processo de construção de identidade acadêmica, envolvida com a Ciência da Informação em relações cuja eventual menção como interdisciplinares é objeto de um discurso que mescla questionamento e afirmação, seja de modo ambivalente ou com deslocamento entre posições. De fato, menções a uma suposta natureza interdisciplinar e a um eventual consenso apático temperam uma argumentação que não parece se definir. Momentâneos tensionamentos do debate epistemológico acabam se mostrando dúbios ou aparentes, remetendo a questões cruciais com um grau insuficiente de problematização.

Algumas fragilidades teóricas revelam-se em aspectos tais como a assimilação precária do conceito de campo científico — que as autoras pretendem aplicar à Arquivologia, contraditoriamente, sem privilegiar os conflitos de sua trajetória — e uma aplicação pouco consistente de critérios epistemológicos propostos por Japiassu. Resultam disso eventuais menções a uma interdisciplinaridade não claramente diferenciada da aplicação ou da multidisciplinaridade.

Ainda assim, deve-se reconhecer o valor de uma pesquisa que, ao revolver questões importantes, pode levar à descoberta de caminhos auspiciosos. É o que se observa, por exemplo, no esforço de proposição de um modelo descritivo do campo da Arquivologia que apresenta um aspecto promissor.

5.3.2 Autores relacionados à área de Comunicação

Nas comunicações da área de Comunicação (QUADRO 5), Brambilla e Stumpf (com co-autoras em 2006) questionam de forma mais firme a interdisciplinaridade com a Ciência da Informação. De início, há uma problematização da terminologia, associando eventuais relações do tipo a uma vocação, em não aos ditames de uma suposta natureza.

Quadro 5 - Autores relacionados à área de Comunicação

Ano	Título — Autoria/Vínculo institucional	I
2006	Interfaces entre os campos da comunicação e da informação Sônia Domingues Santos Brambilla, Rita do Carmo Ferreira Laipelt (PPGCOM/UFRGS - mestrandas); Sônia Elisa Caregnato; Ida Regina C. Stumpf (PPGCOM/UFRGS)	29
2007	Interfaces da informação: tendências temáticas da pós-graduação Sônia Domingues Santos Brambilla, Ida Regina Chittó Stumpf (PPGCOM/UFRGS)	36

As autoras propõem substituir o termo interdisciplinaridade por interface, que mostram já em uso por autores de destaque da Ciência da Informação. Porém, equivocam-se na representação gráfica do termo, confundindo-a com a da *interseção*, que ilustram, de fato, lançando mão do diagrama de Venn, comumente usado na teoria matemática dos conjuntos. Observam-se também equívocos envolvendo o suposto uso do termo interfaces em artigos de Saracevic, não verificado nos originais desse autor.

Ao explorar interfaces e tendências temáticas nos programas de pós-graduação em Comunicação e em Ciência da Informação, as autoras levantam questionamentos e ponderações sobre esta área e levam adiante um esforço incomum de problematização e proposição, dirigido às relações entre elas. Com isso, a despeito de alguns equívocos, a pesquisa traz reflexões pertinentes e evidencia disposição para o aprofundamento de um debate que as autoras dão reiteradas mostras de considerar pendente.

5.3.3 Autores relacionados à área de Museologia

As comunicações da Museologia (QUADRO 6) concentram-se todas em 2008 e apresentam uma afirmação intensa e convicta da interdisciplinaridade.

Quadro 6 - Autores relacionados à área de Museologia

Ano	Título — Autoria/Vínculo institucional	I
2008	Museus, informação e cultura material: o desafio da interdisciplinaridade José Mauro Matheus Loureiro (PPGPMUS/UNIRIO); Maria Lucia de Niemeyer Matheus Loureiro (MAST); Sabrina Damasceno Silva (PPGPMUS/UNIRIO)	25
2008	Ciência da Informação e Museologia em tempo de conhecimento fronteiriço: aplicação	77

Loureiro, Loureiro e Silva apontam uma interdisciplinaridade por natureza e por necessidade na relação entre Museologia e Ciência da Informação. Para esta, pretendem aquela categoria epistemológica como estatuto e como característica intrínseca, sem atentar para a incompatibilidade conceitual dessa aglutinação de atributos. Também apontam o museu como entidade de essência e natureza interdisciplinar, mas o fazem, tacitamente, como uma *assunção*, de vez que não apresentam o lastro conceitual nem os critérios dessa caracterização. Um arroubo de debate conceitual insinua-se no parágrafo final do artigo, com os autores opondo, vigorosamente, o conceito de *interseção*, que preferem, ao de *interface*, que preterem. O movimento, porém, mostra-se contraditório com o uso incidental da noção preterida em outro ponto da mesma comunicação e com sua adoção por J.M.M. Loureiro e outros supostos parceiros de pesquisa — L.V.R. Pinheiro, D.F.C. Lima, J.N.L. de Moraes. Um debate a propósito com os representantes da Comunicação seria desejável, mas essa não é a meta explicitada pelos autores.

Lima discute se a relação entre Ciência da Informação e Museologia é de aplicação ou interdisciplinaridade, resumindo um capítulo de sua tese de doutorado. A resposta da autora pende para a segunda opção, mas lhe cabe um delicado esforço de recategorização, em vista da indicação em contrário, já como revisão de um ponto de vista teórico, contida em artigo de L.V.R. Pinheiro, orientadora da pesquisa, datado de 1999. O diálogo teórico buscado com Smith (1992), Klein (1996) e Wersig (1993) mostra-se especialmente frágeis, pelas inconsistências que apresenta. Em certo ponto, a noção de interface é adotada pela autora, mas com uma conceituação problemática, que apresenta uma citação exemplificadora como se fosse uma definição conceitual. A discussão realizada pretende a “verificabilidade científica” da interdisciplinaridade, mas reúne não mais do que indícios favoráveis a respeito. Fica fragilizada, além disso, pela insistência da autora em perguntas de cunho retórico, cujo caráter sugestivo mostra-se metodologicamente problemático, virtualmente transferindo para o leitor uma responsabilidade que cabe ao pesquisador: obter resposta para a questão investigada.

Moraes apresenta parte de uma pesquisa de mestrado orientada por L.V.R. Pinheiro. Em busca de diálogos e interfaces entre Ciência da Informação e Museologia, a autora admite raros os estudos sobre a relação entre essas áreas no Brasil. Ainda assim, Moraes não toma para si a tarefa de estabelecer com clareza os conceitos e respectivos critérios associados aos termos usados no título. Além disso, persiste insuficiente a diferenciação entre aplicação e interdisciplinaridade, a ampliar o emaranhado indistinto de termos e modalidades relacionais usados na abordagem dos contextos acadêmico e profissional dessas áreas. Nesse contexto, a

afirmação da interdisciplinaridade como traço constitutivo de ambas constitui não um pressuposto, mas algo como uma presunção. E a confusão conceitual e terminológica parece impor este limite à abordagem apresentada: a reafirmação daquilo em que já se acredita.

5.4. Abordagens teóricas e empíricas voltadas para a transdisciplinaridade

Três das comunicações deste subgrupo (QUADRO 7) foram apresentadas na V edição do ENANCIB, que exibiu no tema a transdisciplinaridade. O assunto recebe atenção privilegiada nesses trabalhos, com o primeiro e o terceiro deles contendo mais ocorrências de termos ligados a essa modalidade (37 e 51, respectivamente) do que à interdisciplinaridade.

Quadro 7 - Abordagens teóricas e empíricas voltadas para a transdisciplinaridade

Ano	Título — Autoria/Vínculo institucional	I
2003	Os vínculos e os conhecimentos: pensando o sujeito da pesquisa trans-disciplinar Maria Nélida González de Gómez (IBICT/MCT)	12
	Quem é o sujeito da pesquisa inter e transdisciplinar: buscando desenvolver um modelo de análise	
2003	Maria Nélida González de Gómez (IBICT/MCT); Priscilla Arigoni Coelho, Graziela Duarte Beltrami, Tamas Ribeiro Coelho de Souza, Vanessa Zampier Marques [estudantes: Iniciação Científica e apoio técnico]	16
2003	Transdisciplinaridade na Ciência da Informação Lucinéia Maria Bicalho (IEAT/UFMG); Mônica Erichsen Nassif Borges (ECI/UFMG)	27
2008	As relações inter-disciplinares e a Ciência da Informação Lucinéia Bicalho, Marlene de Oliveira (PPGCI/UFMG)	68

González de Gómez capitaneia um tratamento teórico-empírico da questão do sujeito coletivo “trans-disciplinar” que conjuga a epistemologia social, a abordagem culturalista, o conceito de comunidade virtual de argumentação e a noção de rede. A autora propõe uma valiosa problematização das estruturas de avaliação constituídas pelas chamadas agências universais, voltadas à política e à gestão científico-tecnológicas, cuja epistemologia institucional impõe dificuldades ao reconhecimento de coletividades exploradas no trabalho de pesquisa realizado no contexto em discussão. Modelos de reconfiguração setorial e territorial são apontados como formas promissoras de contemplar aspectos valiosos ao funcionamento desses novos arranjos.

Na abordagem empírica do segundo artigo, González de Gómez e colaboradores aplicam a grupos de pesquisa da área da saúde um modelo de análise desenvolvido para abordar a questão do sujeito da pesquisa inter/trans-disciplinar. Abordando redes de pesquisadores e de práticas constituídas nesse âmbito, os autores apontam a necessidade de ir além de atributos demográficos para alcançar uma maior compreensão do problema. Resultados parciais destacam a ambiência de pluridisciplinaridade e policompetências dos grupos analisados e revelam um salutar cuidado perante a afirmação das abordagens encontradas como interdisciplinares ou transdisciplinares. É indicada, inclusive, a necessidade

de procedimentos adicionais para eliminação de ambiguidades. Ao lado da valiosa marca de consistência e parcimônia teórico-metodológica, vale destacar a necessidade de ampliação do diálogo teórico na discussão da transdisciplinaridade, para contemplar divergências existentes entre linhas teóricas distintas (Klein/Gibbons/Nowotny *versus* Nicolescu).

Bicalho e Borges propõem a busca de um diálogo entre a Ciência da Informação e as teorizações do movimento transdisciplinar, apostando em perspectivas de mútua colaboração. Essa proposição envolve uma aceitação da interdisciplinaridade da área, com a ponderação de que suas bases precisam ser discutidas. Essa visão conecta-se, entretanto, com a pretensão de que a área possa adotar metodologias transdisciplinares em lugar de uma interdisciplinaridade cuja prática apresenta dificuldades. O caráter improvável desse salto é um dos aspectos que sugerem tratar-se de uma proposição teórica ainda incipiente, ainda que talvez promissora.

Cinco anos depois, Bicalho e Oliveira apresentam resultados parciais da pesquisa de doutorado daquela, orientada por esta. Um estudo empírico de 700 artigos de periódicos brasileiros da área revela apenas 4,7% deles com presença da interdisciplinaridade e/ou da transdisciplinaridade nos campos referenciais, bem como a existência de algum tipo de reflexão sobre os temas em apenas 1,6% dos itens, com prevalência do primeiro. Ainda assim, verificam-se poucos posicionamentos teóricos, ainda que com algumas contribuições relevantes em relação à interdisciplinaridade. Já a transdisciplinaridade recebe apenas modestas alusões. Contradizendo esses resultados, as autoras mencionam, ao final, uma visão de consenso em relação à interdisciplinaridade e a tendências transdisciplinares.

6 Do foco às fontes

Nossa pesquisa revelou bastante escassa a produção sobre interdisciplinaridade no contexto brasileiro da Ciência da Informação. No âmbito dos periódicos nacionais da área, apenas 13 em 8.000 artigos indexados (0,16%) mostraram conteúdo valioso. No caso do ENANCIB, apenas 28 dos 689 artigos apresentados no período 2003-2008 (4,06%) foram incluídos na faixa INTER 10+, assinalando a possibilidade de discussões promissoras. Constatou-se que 42,5% dos artigos apresentados abordaram o tema, nesse período, mas a grande maioria, inserindo-se na faixa com até 5 ocorrências referentes ao tema. Tal cenário resume-se na fórmula *muitos falam pouco, poucos falam muito*. A análise qualitativa avaliou o teor e a consistência das formulações teóricas entre esses últimos, revelando, em linhas gerais, um contraponto afirmação-problematização, cada qual com intensidades variadas.

O discurso mais intenso de afirmação e defesa da interdisciplinaridade é o de Pinheiro e dos pesquisadores da Museologia. Mas suas linhas argumentativas esbarram em

dificuldades teórico-metodológicas evidenciadas na aplicação equivocada de critérios epistemológicos e num diálogo bastante frágil com referências centrais — p. ex. Japiassu, Wersig, Klein —, envolvendo afirmações não corroboradas pelos textos originais ou a insuficiente observância de condicionalidades, conceitos e critérios. O contraste entre exuberância quantitativa e insuficiência qualitativa evidencia inconsistência e mesmo artificialidade em parte significativa do discurso afirmatório mais otimista. Vale observar também que esse discurso teórico frágil conecta-se a uma ação político-institucional forte, exercida, por exemplo, na conquista de um GT específico voltado às questões da Museologia.

O discurso afirmatório de Orrico e Oliveira assume tom mais discreto, caracterizando-se mais pela ausência de questionamentos e pela aceitação de uma noção vaga da modalidade interdisciplinar, que se aproxima da multidisciplinar, por vezes sem uma distinção adequada. Já as pesquisadoras da Arquivologia ensaiam a problematização das relações com a Ciência da Informação, mas se mostram ambivalentes, oscilando entre adesão e questionamento e exibindo inconsistências metodológicas, tais como a aplicação inadequada dos critérios epistemológicos propostos por Japiassu. Por sua vez, as pesquisadoras da Comunicação problematizam com mais ênfase a discussão conceitual e insistem num valioso chamamento ao debate, ainda que evidenciando ambiguidades e traços de fragilidade metodológico-conceitual. A ausência de uma discussão da noção de interface e outros achados relacionando esses a outros trabalhos reforçam a percepção de que é necessário garantir maior espaço para o questionamento e a problematização, de modo a valorizar, ampliar e aprofundar o debate teórico de questões e de temas importantes para a Ciência da Informação.

Silva, Araújo e Souza articulam-se na produção de um panorama convergente com os problemas verificados no restante da análise qualitativa. Compõem uma valiosa mensagem sobre a importância de reconhecer, na diversidade de pontos de vista, tanto potencialidades a explorar quanto riscos a evitar. Em ambos os casos, o aprofundamento do debate teórico e a abertura para os mecanismos de vigilância e crítica parecem constituir recursos necessários para aumentar as chances de a Ciência da Informação produzida no Brasil alcançar maior consistência nas construções teóricas e nas realizações práticas referentes ao tema.

Mesmo dirigindo-se significativamente ao tema correlato da transdisciplinaridade, os trabalhos de González de Gómez, Bicalho e colaboradores contribuem para a percepção da importância que assumem a parcimônia metodológica e a busca de consistência entre intuições e expectativas, de um lado, e resultados empíricos, de outro lado.

As dificuldades e as potencialidades reveladas pela pesquisa podem ser pensadas por meio do confronto das duas seguintes categorias, que propomos à consideração do leitor: a **interdisciplinaridade lato sensu** admite significação vaga, imprecisa, pouco específica, de sentido amplo, englobando, por vezes indistintamente, aplicações disciplinares e relações

multidisciplinares. Na **interdisciplinaridade *stricto sensu***, a investigação e a discussão atêm-se cuidadosamente a critérios e condicionalidades decorrentes da reflexão epistemológica, aplicando-os não de modo meramente normativo ou formalista, mas como balizadores de uma ação e de uma construção teórica mais lúcidas.

Na abordagem ***stricto sensu***, a interdisciplinaridade pode ser um pressuposto, mas deve ser verificada de modo consistente. A abordagem ***lato sensu*** pareceria associada àquilo que chamaremos princípio de *presunção de interdisciplinaridade*. Esta atitude admitiria usar o termo e afirmar a modalidade virtualmente sem restrições, mesmo diante apenas de pálidos indícios ou de evidências insuficientes para atender a critérios epistemológicos específicos. Consideraria desnecessário reunir e analisar evidências ou indícios expressivos, ao tomar a interdisciplinaridade como condição inerente às relações entre as áreas do conhecimento desenvolvidas na contemporaneidade, sempre que se trate de abordar objetos ou fenômenos multifacetados ou complexos. Vale ponderar: quão próximos estamos de uma e de outra?...

Como as comunicações aqui analisadas têm origem nos PPGCIs brasileiros, os problemas constatados têm algo a dizer sobre os mecanismos crítico-avaliativos em vigor nesse contexto mais amplo e sobre os critérios epistemológico-metodológicos que os compõem. A situação evidenciada pode servir de alerta para toda a “cadeia produtiva” do conhecimento da área no âmbito das temáticas teóricas. Tal “cadeia” não se mostrou eficaz na solução ou na filtragem prévia de conteúdos inconsistentes encontrados em nossa análise. Como esses conteúdos não passariam por mecanismos seletivos severos, sua presença em artigos do ENANCIB parece indicar a vigência de mecanismos crítico-avaliativos indulgentes com o uso de critérios epistemológicos e metodológicos pouco rigorosos e, possivelmente, com outras práticas pouco frutíferas. No âmbito dessa cadeia e dos fóruns institucionais da área — especialmente o GT1 do ENANCIB —, parece necessário conter a indulgência e trabalhar com afinco para garantir espaço ao efetivo debate teórico e para perseguir a progressiva qualificação deste. Aprimorar o papel de indução, avaliação e monitoramento dessas instâncias é uma meta essencial, em benefício da própria construção futura da área.

Referências

- ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. O método nas ciências sociais. In: ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith; GEWANDSZNAJDER, Fernando. *O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa*. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1999. Parte 2, p. 107-203.
- BUFREM, Leilah Santiago. Complementaridade qualitativo-quantitativa na pesquisa em informação. *Transinformação*, Campinas, v. 13, n. 1, p. 49-55, jan./jun. 2001.
- BURSZTYN, Marcel. A institucionalização da interdisciplinaridade e a universidade brasileira. *Liinc em revista*, Florianópolis, v. 1, n. 1, mar. 2005.

- FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. *Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa*. Campinas: Papirus, 1994. 143 p. (Magistério: formação e trabalho pedagógico).
- FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. *Interdisciplinaridade: um projeto em parceria*. 6. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007. 119 p. (Educar, 13). (Obra original publicada em 1991)
- FROTA, Maria Guiomar da Cunha. A delimitação das unidades de análise em ciência da informação. *Ciência da Informação Online*, Brasília, v. 27, n. 3, 1998.
- FROTA, Maria Guiomar da Cunha. Desafios teórico-metodológicos para a Ciência da Informação: descrição, explicação e interpretação. In: REIS, Alcenir Soares dos; CABRAL, Ana Maria Rezende (Org.). *Informação, cultura e sociedade: interlocuções e perspectivas*. Belo Horizonte: Novatus, 2007. p. 49-59.
- GUBA, Egon G.; LINCOLN, Yvonna S. Advantages of naturalistic methods. In: _____. *Effective evaluation*. San Francisco: Jossey Bass Publishers, 1987. p. 53-84.
- GUBA, Egon G.; LINCOLN, Yvonna S. Competing paradigms in qualitative research. In: DEZIN, Norma; LINCOLN, Yvonna S. (Ed.). *Handbook of qualitative research*. Thousand Oaks, London, New Delhi: Sage Publications, 1994. p. 105-117.
- HECKHAUSEN, Heinz. Disciplina e interdisciplinaridade. In: POMBO, Olga; GUIMARÃES, Henrique Manuel; LEVY, Teresa (Organização, prefácio e revisão científica). *Interdisciplinaridade: antologia*. Tradução: equipe do Projeto Mathesis. Porto: Campo das Letras Editores, 2006. p. 79-89. (Campo das Ciências, 16). (Obra original publicada em 1972)
- HIGINO, Anderson Fabian Ferreira. *Ciência da Informação, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade: um estudo do contexto brasileiro com foco no ENANCIB*. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011. 362 f. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1843/ECID-8LHGZS>>. Acesso em: 10 jul. 2012.
- JAPIASSU, Hilton. *Interdisciplinaridade e patologia do saber*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. 221 p. (Logoteca).
- JAPIASSU, Hilton. *Introdução ao pensamento epistemológico*. 3. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979. 199 p.
- JAPIASSU, Hilton. *Introdução às ciências humanas: análise de epistemologia histórica*. São Paulo: Letras & Letras, 1994. 191 p.
- JAPIASSU, Hilton. *O sonho transdisciplinar e as razões da filosofia*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. 237 p.
- JAPIASSU, Hilton. *Questões epistemológicas*. Rio de Janeiro: Imago, 1981, 173 p. (Logoteca).
- KLEIN, Julie Thompson. *Crossing boundaries: knowledge, disciplinarity, and interdisciplinarity*. Charlottesville and London: University Press of Virginia, 1996. 281 p.
- KLEIN, Julie Thompson. *Interdisciplinarity: history, theory, & practice*. Detroit: Wayne State University Press, 1990. 331 p.
- MACHLUP, Fritz; MANSFIED, Una. Preface. Prologue; Cultural diversity in studies of information. In: MACHLUP, Fritz; MANSFIED, Una (Ed.). *The study of information: interdisciplinary messages*. New York: John Wiley & Sons, 1983. p. xiii-xvi. p. 3-59.
- POMBO, Olga. Contribuição para um vocabulário sobre interdisciplinaridade. Disponível em: <www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/mathesis/vocabulario-interd.pdf>. Acesso em: 10 maio 2012.
- POMBO, Olga. Epistemologia da interdisciplinaridade. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2004a. Disponível em:

<<http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/investigacao/portofinal.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2012.

POMBO, Olga. *Interdisciplinaridade: ambições e limites*. Lisboa: Relógio D'água, 2004b. 203 p.

POMBO, Olga. Interdisciplinaridade: conceito, problemas e perspectivas. In: POMBO, Olga; LEVY, Tereza; GUIMARÃES, Henrique. *A interdisciplinaridade: reflexão e experiência*. Lisboa: Texto Editora, 1993. p. 8-14. Disponível em: <www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/mathesis/interdisciplinaridade.pdf>. Acesso em: 10 maio 2012.

POMBO, Olga. Interdisciplinaridade e integração dos saberes. *Liinc em Revista*, Rio de Janeiro, v.1, n. 1, p. 3-15, mar. 2005. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/liinc/index.php/liinc/article/viewFile/186/103>>. Acesso em: 10 maio 2012.

POMBO, Olga; GUIMARÃES, Henrique Manuel; LEVY, Teresa (Organização, prefácio e revisão científica). *Interdisciplinaridade: antologia*. Porto: Campo das Letras, 2006. 303 p. (Campo das Ciências, 16).